

IMPACTO DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E DEMAIS TECNOLOGIAS PARA OS TRABALHADORES DO SETOR PÚBLICO

Primeiras reflexões sobre o avanço tecnológico nos trabalhos desenvolvidos pelos servidores públicos e sobre a mudança de paradigma que se aproxima com a Inteligência Artificial.

Categoria: Análise sobre o futuro do serviço público e impacto sobre a categoria trabalhista do setor.

Até pouquíssimo tempo atrás, era pouco provável que pudéssemos imaginar sobre uma Inteligência Artificial desempenhando papéis que envolvessem escolhas com critérios, valores e criatividade, de forma tão eficiente e ampla, como atua um cérebro humano. Realidades como esta habitavam o plano da ficção, filosófica, artística ou especulativa, para cidadãos comuns, de um futuro que pertenceria a uma próxima geração. Incautos, não estávamos certos. Nem sobre o tempo futuro, nem sobre a competência desta inteligência. Trata-se de uma verdade que está acontecendo, numa linha cronológica, exatamente do tempo Presente. Já sobre competência, estávamos certos se pensávamos que ela não seria tão boa quanto a gente. Realmente, ela não é. Ela é melhor!

Assim, não dá para deixar para mais tarde a reflexão do que será do serviço público e da categoria de trabalhadores cada vez mais dispersa que nos tornamos, inclusive, entra tantos fatores, por conta da tecnologia.

Primeiro, nos separam. Pandemia e home office foram bons catalisadores, acelerando e pondo à prova um novo sistema que já vinha sendo pensado.

Depois, nos subornam, individualmente, com supostos privilégios.

Mais tarde, cobram, pouco a pouco, por estes privilégios dos quais não queremos abrir mão. Chegam as metas nos vencendo por knockout. A imagem dos trabalhadores dos caixas de supermercados ou bancos, trabalhando lado a lado com máquinas de autoatendimento, muitas vezes inconscientes da contagem regressiva disparada para o fim de milhares de postos de trabalho como o deles. A máquina nos dá um respiro, antes de sermos eliminados.

Então, nos acomodamos e, sob o pretexto de não sairmos desta zona de conforto, iludidos de que logo acaba o nosso martírio com uma distante, ou não tanto, aposentadoria. Deixamos que o pior venha para a nova geração de servidores.

Daí, já fracos o bastante, a avalanche desastrosa chega até nós.

Quando já não defendemos os colegas contemporâneos a nós, ao serem oprimidos e/ou assediados. Quando já não nos importamos com os colegas novos, destituídos dos direitos que a nossa geração conquistou e, pouco a pouco, também viu escorrer entre os dedos. Quando vimos terceirizados realizando, um após o outro, serviços antes desenvolvidos por servidores concursados, mas ganhando valores que retratam perfeitamente os valores do neoliberalismo.

E, mesmo que ainda quiséssemos nos organizar para lutar por direitos, fomos substituídos por tecnologias e, em breve, inteligência artificial, muito mais baratas para o Estado que trabalha para o grande capital e não tem nenhum interesse em nós. Ficamos antigos, velhos e adoecidos, isolados e fracos, incompetentes. Valemos, enfim, mais aposentados, ou mortos, do que ativos e militantes.

Se esta pauta está entre as nossas discussões, neste momento, pela primeira vez, podemos estar certos que já estamos atrasados. Que, ao menos, possamos melhorar nosso entendimento deste processo. Porque, logo mais, será óbvio ou até estranho pensarmos que nunca tínhamos falado sobre isto numa convenção ou congresso trabalhista.

O mundo, em breve, não poderá ser imaginado sem a atuação da Inteligência Artificial.

Assim como os jovens adultos não entendem o que é o mundo sem o Google ou celulares ou internet ou computadores. O novo sempre vem para ficar, mas precisamos interpretar o mundo que teremos, a cada vez que mudanças importantes se anunciam.

Fatos: estamos cada vez mais individualistas e imediatistas. Consequentemente, mais alienados.

Também estamos cada vez mais adoecidos, física e psicologicamente. Precisamos estar medicados, pois nos cuidamos mal, nos alimentamos mal. Mitigamos nossas dores e vazios de forma a adoecermos mais, pois o fazemos de forma paliativa. Afinal, perdemos o sentido naquilo que fazemos e, pior, em quem somos, coletivamente.

Rendemos cada vez mais, em termos de trabalho e produção, através das inatingíveis metas impostas e tecnologias, mas trabalhamos com a mesma carga horária e em condições precárias.

Nos transformamos em péssimas máquinas de repetição de serviços, a ponto de, em breve, nos tornarmos obsoletos e sermos, com justificativas bem fundamentadas, substituídos por “ótimas” máquinas de repetição de serviços.

E logo teremos a maior legião de desempregados da História da Humanidade. Para não parecer tão absurdo, lembremos que já existe este grande grupo de excluídos, num mundo onde, se não possuímos uma identidade virtual, simplesmente não existimos.

Assim, inicia-se uma reflexão imprescindível:

A quem esta tecnologia veio beneficiar?

O que importa, antes ou conjuntamente com todas as nossas lutas imprescindíveis, é encontrarmos, entre organizações sindicais, sociais e políticas, estratégias reguladoras e protetivas daquilo que entendemos, hoje, como humanidade, dentro do contexto do conceito de luta de classes. Colocarmos nas pautas a divisão dos bônus da tecnologia, ao menos, para diminuir as desigualdades, cargas horárias trabalhadas, mobilidade, melhores salários e implementação de políticas de capacitação para as mudanças que nos batem à porta, ou melhor: arrombam a porta, se nada fizermos!

Se estas reflexões não passarem pelo campo sindical, na área trabalhista, não haveria por onde passar.

A ideia não é demonizar os avanços tecnológicos, mas desenvolvermos estratégias e ferramentas para que estes não se tornem nossos algozes.

É preciso iniciar este debate, mesmo que muitas abordagens ainda estejam iniciando seus caminhos em campos utópicos, para que resguardados parte da crônica da morte anuncias que se deflagra por vir.

Assina esta Resolução:

Cátia dos Santos Machado – Juizado Especial Federal de Bauru